



Percepção dos Visitantes do Parque Nacional da Serra do Cipó (MG) para o Geoturismo Perceptions of Cipó Mountain Range National Park (MG, Brazil) Visitors for Geotourism

Ricardo Eustáquio Fonseca Filho¹; Paulo de Tarso Amorim Castro²;
Angélica Fortes Drummond Chicarino Varajão² & Múcio do Amaral Figueiredo³

¹Universidade Federal de Ouro Preto, Departamento de Turismo, Escola de Direito, Turismo e Museologia,
Campus Universitário Morro do Cruzeiro, s/n, 35400-000, Ouro Preto, MG, Brasil

²Universidade Federal de Ouro Preto, Departamento de Geologia, Escola de Minas
Campus Universitário Morro do Cruzeiro, s/n, 35400-000, Ouro Preto, MG, Brasil

³Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ, Departamento de Geociências, Campus Universitário Tancredo Neves,
Av. Visconde do Rio Preto, s/n, 36301-360, São João Del-Rei, MG

Emails: ricardo.fonseca@ufop.edu.br; angelica@ufop.edu.br; paulo_de_tarso@ufop.edu.br; muciofigueiredo@ufsj.edu.br

Recebido em: 17/05/2018 Aprovado em: 19/07/2018

DOI: http://dx.doi.org/10.11137/2018_2_520_537

Resumo

As áreas naturais, mais do que fonte de alimentos e refúgio da rotina urbana, são de informações que devem ser mais bem conhecidas. As unidades de conservação (UC) são espaços profícuos para o desenvolvimento do conhecimento da natureza e das próprias sociedades. No presente trabalho pretendeu-se conhecer o visitante do Parque Nacional da Serra do Cipó – PNSC (MG) e se o mesmo pode ser considerado um geoturista. A amostra de 50 visitantes foi entrevistada aleatoriamente em fluxo na trilha da Cachoeira da Farofa no ano de 2014, por meio de formulário estruturado quali-quantitativo. Os resultados demonstram que: os visitantes são turistas (70%); não buscam a geologia (62%) do parque, sendo as principais motivações “cachoeiras” (24%) e “contemplação da natureza” (12%); acreditam que o conhecimento da geologia auxilia na compreensão da paisagem (32%); relacionam o patrimônio geológico à rochas e relevo (28%) e que sua importância se deve à vida na terra (24%), que sua degradação diminui a atratividade da paisagem (96%) e têm interesse (98%) em conhecer mais, em especial a geologia e a geomorfologia (58%); não sabem o que é geoturismo (46%) e destes acreditam que o parque pode ser conservado por meio do geoturismo (96%); não sabem o que é um geoparque (66%) mas o correlacionam à proteção do patrimônio geológico (35%) e consideram que os benefícios do geoparque incluem preservação, pesquisa científica e educação (65%). Conclui-se que apesar do visitante do PNSC poder ser considerado um geoturista “acidental” e “curioso” tendo potencial para se tornar “consciente”, o geoturismo na UC é um nicho em lugar de segmento. O que apresenta a necessidade de mais pesquisas de demanda para definição do geoturismo como segmento, bem como melhoria da sua oferta, por meio da formatação de produtos geoturísticos para serem comercializados por agências de viagem, UC e geoparques, com interpretação da geodiversidade guiada (guias de turismo) ou autoguiada (sinalização por placas e painéis) para os visitantes.

Palavras-chave: Geoturista; Unidades de Conservação; Perfil do Turista

Abstract

Natural areas, rather than food sources and shelter from the urban routine, are information that should be better known. The protected areas are useful spaces for the development of the knowledge of nature and of the societies themselves. In the present work it was intended to know the visitor of the National Park of Serra do Cipó – NPSC (MG, Brazil) and if it can be considered a geotourist. The sample of 50 visitors was randomly interviewed in a stream on the Farofa Waterfall Trail in the year 2014, through a qualified qualitative-quantitative form. The results show that: visitors are tourists (70%); do not seek the geology (62%) of the park, being the main motivations “waterfalls” (24%) and “contemplation of nature” (12%); believe that knowledge of geology helps in understanding the landscape (32%); relate geological heritage to rocks and relief (28%) and that their importance is due to life on Earth (24%), that their degradation diminishes the attractiveness of the landscape (96%) and they are interested (98%) in knowing more, in particular geology and geomorphology (58%); do not know what is geotourism (46%) and of these believe that the park can be conserved through geotourism (96%); do not know what a geopark is (66%) but correlate it to the protection of geological heritage (35%) and consider that geopark benefits include preservation, scientific research and education (65%). It is concluded that although the NPSC visitor may be considered an “accidental” and “curious” geotourist with the potential to become “conscious”, geotourism in protected areas is a niche rather than a segment. This presents the need for more demand research to define geotourism as a segment, as well as improving its offer, through the formatting of geotourism products to be commercialized by travel agencies, parks and Geoparks, with interpretation of guided geodiversity (Tour Guides) or self-guided (signage by boards and panels) for visitors.

Keywords: Geotourist; Protected Areas; Tourist Profile

1 Introdução

A natureza, além de provento material, é também espiritual. Registros da contemplação das belezas naturais estão em guias de viagem (Andrade, 1983), na arte (Rugendas, 1985), dentre outras manifestações humanas. Com o desenvolvimento das civilizações, no entanto, o meio ambiente sofre pressão antrópica por recursos. É o caso dos parques nacionais, categoria de unidade de conservação – UC (Brasil, 2000), que no ímpeto do crescimento econômico do século XIX, estimulado pela industrialização europeia e estadunidense¹, se configurou como zonas tampão, na tentativa de minimizar os impactos.

Não obstante a forma como foram legitimadas – à custa da expropriação de comunidades tradicionais, como os indígenas –, se tornaram mais que espaço de fruição da natureza como lazer, mas produtos turísticos, cuja gestão pública tem levado à sua terceirização (Rocktaeschel, 2006) como é o caso de quatro dos 72 Parques Nacionais (Parna) da Tijuca (maior visitação), do Iguaçu, dos Orgãos e o Marinho de Fernando de Noronha².

Os parques nacionais são, para a IUCN (2017), da categoria II, em ordem de prioridade de conservação:

“grandes áreas naturais ou próximas a naturais postas à parte para proteger os processos ecológicos em larga escala, juntamente com o complemento de espécies e ecossistemas característicos da área, que também fornecem a base para oportunidades ambientais e culturais compatíveis espiritual, científica, educacional, recreacional e de visitação”.

Já para o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, o Parque “tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza

cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico”.

A relação uso e preservação dos recursos naturais – apesar de entremeadas com teorias malthusianas – ganhou status de políticas públicas com o desenvolvimento dos conceitos de sustentabilidade (Swarbrooke, 2000). Desta forma, surge o ecoturismo: “segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações” (MTur, 2010a, p. 19).

No entanto, a valorização da biodiversidade relegou os recursos abióticos para segundo plano, associando-os, recorrentemente, aos impactos ambientais, como a mineração. Talvez, desde a mercantilização do Novo Mundo a partir do séc. XV tenha contribuído para esta impressão: busca de minerais como o ouro de um lado e de outro a catalogação de espécimes de flora e fauna pelos Naturistas.

Nos anos 1980 surge um novo conceito (Nascimento *et al.*, 2007) que buscaria a revalorização dos recursos abióticos para além do economicismo (mineração, agronegócio, especulação imobiliária etc.). Estabelecido assim como Geoturismo.

Minas Gerais (MG), picadeiro das cenas principais do ciclo aurífero e diamantífero brasileiro, fomentou, em grande parte, as economias desenvolvidas europeias, onde nasce o conceito de geoturismo. Concomitante ao desenvolvimento de importantes Escolas de Engenharia com ênfase nas Geociências, o geoturismo tem sido cada vez mais estimulado e pesquisado, explicando formações rochosas e o relevo, seja em ambientes urbanos (Liccardo *et al.*, 2012) seja em rurais (Ribeiro & Pithan e Silva, 2011) no Brasil (Ruchkys *et al.*, 2017; Romão & Garcia, 2017) e espalhado no mundo (Ruban, 2015).

A riqueza geológica e geomorfológica de MG é também a das áreas naturais protegidas, como os parques, dentre as quais se inclui o Parque Nacional

1 No Brasil as primeiras UC também da categoria parque foram concomitantes ao processo de industrialização, como o Parque Nacional do Itatiaia, em 1937.

2 Das 961 UC federais que ocupam 9% do território nacional, 7,4% são PARNA, correspondente a cerca de 26 milhões de ha (MMA, 2017), que recebem mais de 8 milhões de visitantes por ano (ICMBio, 2017).

da Serra do Cipó (PNSC), objeto deste estudo, localizado nos municípios de Jaboticatubas, Santana do Riacho, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro (MG) (Figura 1). Sua proximidade à capital, somada às belezas naturais, em especial as quedas d'água que a Serra do Espinhaço proporcionam (Oliveira, 2006) fazem-no um dos parques mais visitados de Minas Gerais (Setur, 2007).

Sua origem, relacionada a atividades primárias como pastoreio de gado e cultivo de arroz bem como secundárias, a exemplo da siderurgia e rota de escoamento dos diamantes (Eschwege, 1979) adquire novo olhar, com diversas pesquisas relacionadas à fauna e à flora (Giuletti *et al.*, 1987, Madeira *et al.*, 2008). Já quanto à geologia, geomorfologia e solos, há, no entanto, relacionada ao ecoturismo, mas não ao geoturismo. Em que há que se conhecer, por um lado, a oferta geoturística (atrativos), e, por outro, a

demanda (geoturistas). Ambos, no entanto, não são objeto de estudos suficientes, sejam por instituições de ensino, sejam por órgãos gestores, em especial a demanda. Haja vista que Freitas *et al.* (2005, 2008), Gualtieri-Pinto *et al.* (2007) e Campos *et al.* (2011) focaram no perfil dos ecoturistas e Castro (2009) no dos turistas de aventura.

Neste sentido, o objetivo do presente trabalho foi o de definir se o perfil do turista do PNSC é de geoturista, pretendendo contribuir, assim, para a melhor gestão do parque, geoconservação dos atrativos geoturísticos bem como incrementando a satisfação na experiência do visitante.

2 Material e Métodos

Os materiais utilizados foram questionários estruturados quali-quantitativos em 3 idiomas

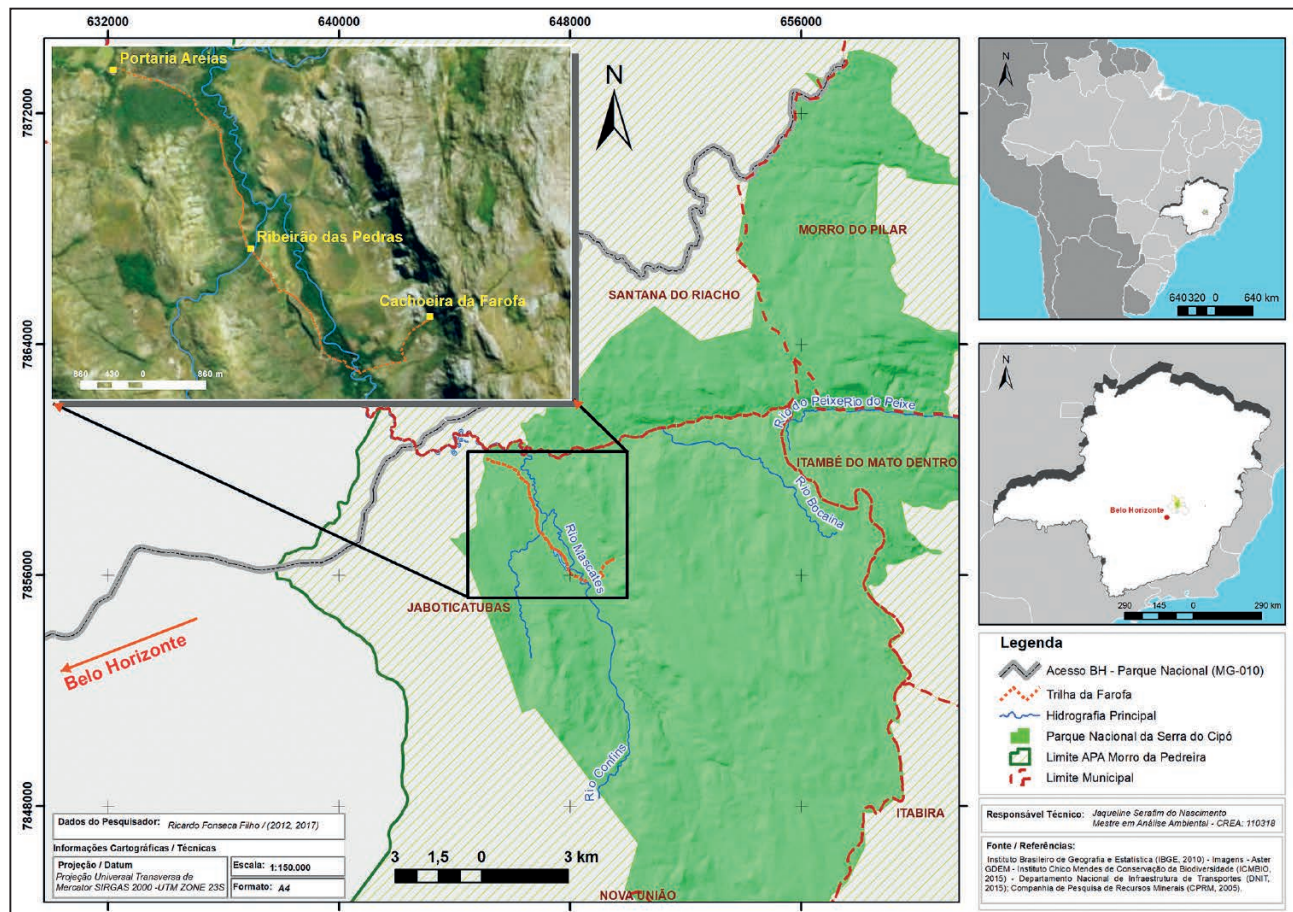


Figura 1 Mapa de localização e acesso da área de estudo, no Parque Nacional da Serra do Cipó, MG.

(português, espanhol e inglês), composto por 41 questões, sendo 33 fechadas (com única ou múltiplas escolhas, espontânea ou não) e 8 abertas, divididas em três partes: turísticas (19 questões), geoturísticas (14 questões) e sócioeconômicas (8 questões).

Os métodos incluíram num primeiro momento revisão bibliográfica relacionada a pesquisas sociais qualitativas e quantitativas, unidades de conservação, perfil do visitante, segmentos turísticos (em especial geoturismo e ecoturismo). Num segundo momento licença de pesquisa foi solicitada ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão gestor do Parna, concedida sob o n.º 38.592-3.

Foram realizados trabalhos de campo de reconhecimento, definindo-se a trilha da Cachoeira da Farofa – CF, linear de 7,5 km, a partir da Sede, na Portaria Areias como área de amostragem.

Os campos da entrevista de fluxo por amostragem aleatória se deram em dois momentos: pré-teste, realizado em 20/04/2013 a 21/04/2013 a 5 visitantes do parque; e, após reestruturação do formulário, validação em amostra de 50 visitantes³ no período de 17/04/2014 a 20/04/2014 (Figuras 2A e 2B), parte do feriado de Semana Santa, sendo 8% (4) na quinta-feira, 30% (15) na sexta-feira, 48% (24) no sábado e 14% (7) no domingo, durante o dia, sendo 72% (36) na parte da manhã e o restante à tarde. Quanto ao local de aplicação quatro de cada dez entrevistas foram realizadas no Centro de Visitantes, seguido pela CF (30%, Figura 2C), trilha (26%, Figura 2D) e outros (4%).

3 O número de visitantes do PNSC em 2014 foi de 24.849 visitantes, e de 19.277 na Portaria Areias (PNSC, 2017), que corresponde a 0,20% e 0,26% respectivamente da população anual, com nível de confiança de 90%. Quanto à visitação no feriado de Semana Santa foi de 1.272 visitantes na Sede – na Portaria Retiro estava fechada –, pesquisa esta que equivaleu a 3,93% do universo amostral.



Figura 2 A. Entrevistas no início da manhã; B. Fim da tarde (detalhe para o número de veículos no estacionamento interno à época) a visitantes, no Centro de Visitantes, Portaria Areias (Sede) do Parque Nacional da Serra do Cipó(MG) (Fonseca Filho, 2014); C. Cachoeira da Farofa, ou do Sobrado (Tavares, 2017); D. Trilha da Cachoeira da Farofa, com presença de visitantes em trabalho de campo, Parque Nacional da Serra do Cipó (MG) (Fonseca Filho, 2010).

Os dados foram então tabulados no *software Microsoft Office Excel* versão *Windows 2013* e foram geradas tabelas e gráficos representativos, que foram analisados e discutidos frente a outras pesquisas de demanda e de geoturismo. Essas (de perfil dos geoturistas), apesar de poucas, sendo a maioria internacionais, são relevantes como área de interesse em crescimento.

3 O Ecoturismo na Serra do Cipó

O Ecoturismo é “um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações” (MTur, 2010a, p. 17). Diagnóstico do Turismo de Aventura, da Associação Brasileira das Empresas de Aventura (Abeta, 2009) apontam que o Brasil tem potencial, além do turismo de aventura⁴, para o segmento ecoturístico, pelas características, tais como: 62% do território com mata nativa, 7.408 km de litoral, 20% da biodiversidade do mundo, entre outras. A Serra do Cipó e seus turistas atendem ao segmento ecoturístico, no entanto com ênfase nos recursos bióticos (biodiversidade), faltando o preceito da geodiversidade como parte do patrimônio natural, a ser complementada, em especial, pelo geoturismo.

O PNSC, criado inicialmente como Parque Estadual pelo Decreto n.º 19.278 (Minas Gerais, 1978) com área de 27.600 hectares (ha) foi alterado para Parque Nacional em 1984 pelo Decreto Federal n.º. 90.223. Sua área aumentou para 31.640 ha e foi regulamentado pelo Decreto Federal n.º. 98.891 (Brasil, 1990), que institui a Área de Proteção Ambiental (APA) Morro da Pedreira.

A conciliação de um recurso abiótico (serra) e biótico (cipó) traz na toponímia do nome em si a natureza indissociável da biodiversidade e da geodiversidade da região, cujo parque representa

4 Turismo de aventura “compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo” (MTur, 2006, p. 39). Todas suas atividades precisam ou utilizam indiretamente recursos abióticos (água, terra e rocha) para sua realização, como canionismo, caminhada e escalada respectivamente.

o patrimônio natural da paisagem e cultural de sua gente. Para Mantesso Neto *et al.* (2012) grande parte dos atrativos turísticos brasileiros têm “apelo geológico”, podendo a Serra do Cipó ser categorizada como “elemento da geodiversidade é o principal atrativo” pois, tanto a serra quanto o cipó remetem à geologia e à geomorfologia, já que uma das origens⁵ deste termo se deve à sinuosidade (meândrico) do rio que nasce nas cabeceiras da serra.

De acordo com o plano de manejo do parque (ICMBio, 2009), sua fisiografia é: de clima Tropical de Altitude (Cwb); a vegetação de Mata Atlântica e Cerrado; a hidrografia de rica rede de drenagem, das Bacias Hidrográficas do Rio São Francisco e do Rio Doce; a geologia é constituída por faixa orogênica que limita o SE do Cráton do São Francisco amalgamando a NE com a Faixa Araçuaí com os conjunto tectono-estratigráficos Complexo Basal e Supergrupos Espinhaço e São Francisco (Almeida Abreu, 1995) constituídos principalmente por quartzitos e metadiamicitos (Silva *et al.*, 2007) bem como depósitos de aluviões; a geomorfologia de terras altas de direção NS e convexidade orientada para W (Saadi, 1995) com a cachoeira em escarpas escalonadas da Serra do Espinhaço Meridional (SdEM) e a trilha nas Planícies Fluviais e Terraços da Depressão do Rio das Velhas (Schaefer *et al.*, 2008); pedogênese influenciada pelo material de origem, com solos arenosos, rasos, pobres em nutrientes, ricos em alumínio trocável e alto teor de acidez (*idem*), cujas manchas de solos na área de estudo são, principalmente de Neossolos (Flúvicos, Quartzarênicos e Litólicos), Cambissolos (Háplicos e Latossólicos) e Espodossolos (Fonseca Filho, 2012).

Quanto ao uso público (Takahashi, 2004; MTur, 2006), o entorno do PNSC tem na indústria minerária, no setor de serviços – especial relacionado ao turismo – e na agricultura de subsistência suas principais atividades econômicas (ICMBio, 2009).

5 Há ainda outras duas origens: a quantidade de cipós encontradas nas fitofisionomias de cerradões e matas secas, bem como matas ciliares do bioma mata atlântica; e cipó como alteração de “iapó”, em tupi “rio que alaga”. Logo, embora a segunda definição tenha associação direta com a biodiversidade (cipó) se relaciona a rios (geomorfologia fluvial), enquanto que a terceira é diretamente relacionada à geodiversidade (PNSC, 2017).

A UC é marcada por conflitos ambientais relacionados ao parque e entorno, como perda de identidade de comunidades quilombolas tradicionais, perda de sítios arqueológicos, incêndios florestais criminosos, extração de espécies de flora e fauna nativas, bem como especulação imobiliária e a questão fundiária (ICMBio, 2009; Gontijo, 2003; Borges, 2011; Braga *et al.* 2015).

No entanto a diversidade e quantidade de atrativos turísticos no parque e no entorno e respectiva rede de hospitalidade vem buscando práticas sustentáveis para a gestão do patrimônio natural da Serra do Cipó, pela Associação de Guias de Turismo da Serra do Cipó, Circuito Turístico da Serra do Cipó, Instituto Estrada Real e Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico.

Dados dos Ministérios do Meio Ambiente e do Turismo apontam que no ano de 2013 os parques nacionais brasileiros receberam 6 milhões de visitantes, enquanto que o PNSC recebeu cerca de 25 mil visitantes (PNSC, 2017), o que corresponde a 0,42% do total de visitantes. Dos cerca de R\$668 milhões estipulados para o “Parques da Copa” – projeto interinstitucional (Ministérios do Meio Ambiente e do Turismo) à época do megaevento para investimento na infraestrutura de 26 Parna no entorno de cidades-sede da Copa do Mundo de Futebol Fifa – somente ¼ deste montante foi direcionado. Dos R\$171 milhões investidos, cerca de 46% foi realmente para infraestrutura; enquanto que 41% foi para custeio e 6,5% foram para regularização fundiária. Logo, pouco ou nenhum investimento em pesquisas como perfil do turista, ecoturista e/ou geoturista.

Pesquisa da demanda turística de MG (Minas Gerais, 2014) apontou que 31,7% de 2.633 visitantes entrevistados – sendo os 72 (2,75%) entrevistados em Santana do Riacho e o Circuito Turístico Cipó o 5º em interesse (18,2%) – “buscavam contato com a natureza”, sendo “atividades na natureza” (11,3%), esportes de aventura (1,1%) e esportes recreacionais (1%).

De acordo com Campos *et al.* (2011) e Sebrae (2012) o visitante do PNSC é predominantemente: de Belo Horizonte; jovem (25 a 34 anos); de elevado

nível de escolaridade; renda média (acima de R\$ 2.000) a alta ((R\$ 6.220 a R\$ 8.101); tem informações do parque boca a boca e *internet* respectivamente; a motivação é o contato com a natureza; está acompanhado de 1 pessoa (em geral companheiro); é a primeira visita, e é frequente, retornando por mais de 5 vezes: avaliam positivamente o destino turístico e estão satisfeitos.

A presente pesquisa corrobora com estes dados, identificando que 86% da amostra é de visitantes e 14% de moradores de um dos quatro municípios da área do parque. A maioria (66%) é de Minas Gerais (Figura 3, destaque em vermelho), depois do estado de São Paulo (16%), seguidos por RJ (8%), DF (6%) e BA (4%). Dos visitantes, 92% são brasileiros, enquanto que 4% foi de alemães e 4% de franceses.

Cabe aqui uma alusão aos autóctones, pois seis de 50 entrevistados são residentes na região. Para Dowling (2013, p. 66) “eles são os que têm propriedade real ou percebida das características geológicas”. Ainda para o autor os que não são da comunidade, ou seja, visitantes (turistas ou excursionistas) – 42 entrevistados – em geral são interessados em interagir com comunidades locais.

Quanto à permanência no município, 70% responderam que permanecem de 1 a 2 dias no destino, configurando o padrão de “turista de fim de semana”, típico da Serra do Cipó (Setur, 2007). Ressalta-se que 4% respondeu que somente meio dia – ou uma manhã ou uma tarde –, ou seja, excursionistas, que, somados aos moradores, totalizou 16%. Sendo assim, 42 respondentes eram turistas.

A respeito da permanência no parque há uma correspondência, pois a maioria (62%) respondeu que o dia todo, seguido por 14% meio dia. Seis entrevistados (12%) responderam que de um a dois dias, configurando-se estes ou pesquisadores ou *trekkers* (que realizaram travessias e pernотaram acampados ao longo do trajeto).

Com relação ao transporte utilizado para se acessar o parque, destacam-se: veículo automotor próprio (28%), seguido de ônibus fretado e bicicleta

(14% cada). Quanto ao agrupamento (Figura 4) característico do visitante é de acompanhamento por amigos, com quase metade dos respondentes; seguidos de cônjuge/namorado, grupo (escolar p.ex.), família, sozinho, amigos/família e colegas.

O conhecimento do parque por sua vez, vinte e um entrevistados responderam ser “boca a boca”,

seguido por *internet* (22%) e outras mídias em menor quantidade (professor, instituição de ensino, folhetos, guias turísticos e outros). Neste aspecto Mao *et al.* (2009) observaram em uma amostra de geocientistas australianos a preferência de realizar passeios turísticos de forma independente, isto é, sem roteiros formatados de forma personalizada ou como pacote por agências de viagens.

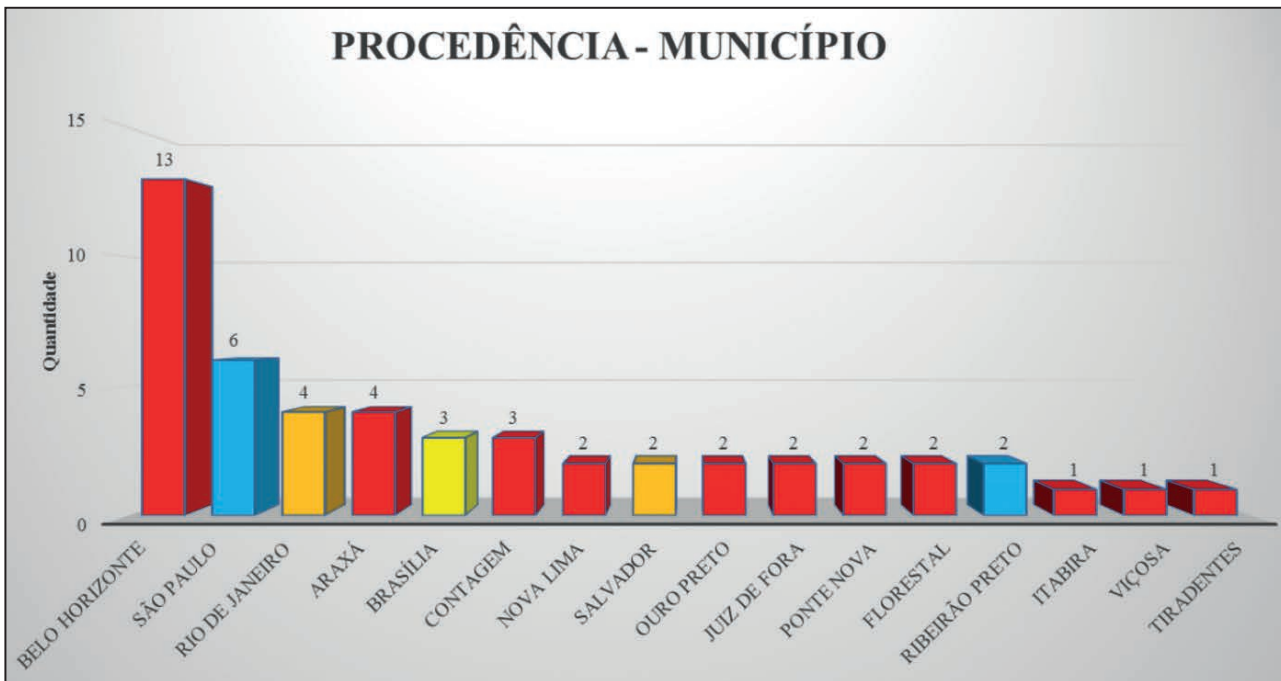


Figura 3 Gráfico de procedência (município) dos entrevistados no Parque Nacional da Serra do Cipó (MG).

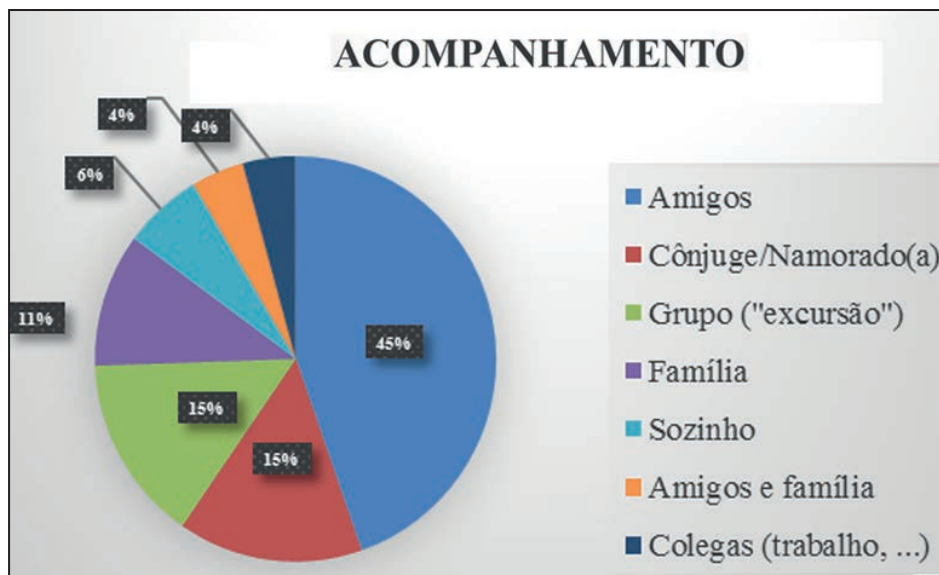


Figura 4 Gráfico de agrupamento no Parque Nacional da Serra do Cipó (MG).

Quanto à hospedagem, 34% pernitoou em pousada, 16% em acampamento, 12% em casa de parente/amigo. O restante, em menor quantidade corresponde a moradores (casa própria ou alugada), excursionistas (não hospedaram) e alojamento do parque (pesquisadores, voluntários, brigadistas e/ou polícia).

A motivação principal dos visitantes (Figura 5) pode ser elencada como típica de ecoturistas, como contemplação da natureza (26%), cachoeira/cachoeira e cânion (22% e 10%), trilha (10%) e esportes (8%). A trabalho (visitas técnicas, fiscalização, manutenção e afins) houve somente um respondente (2%). Mas chama atenção dois visitantes (4%) que responderam “conhecer aspectos geológicos”. Questionados quanto ao interesse, afirmaram que eram estudantes de Geologia. Esta questão é diretamente relacionada ao perfil do geoturista do parque, que será abordado mais detidamente no próximo tópico. Allan *et al.* (2015) encontraram resultados diferentes em geoturistas no Parque Nacional Yanchep, na Austrália: relaxamento, escapar da rotina diária e senso de admiração; mas também similar, busca por conhecimento. O que, para Allan (2012) casa a experiência do geoturismo: geossítio, visitar e ver a beleza do lugar e conhecer e aprender.

Quanto à satisfação a cada quatro visitantes, três estão satisfeitos. Dos demais, 9 responderam nem que sim, nem que não; e 4 que não. Estes 13 questionados quanto ao motivo alegaram: distância (dos atrativos), falta de sombra e de banheiros e calor. O que demonstra por um lado a falta de preparação, o tipo específico de público-alvo do parque e a mentalidade urbana estendida aos ambientes naturais (conforto, facilidades e afins). Para Bezerra (2009), analisando os *stakeholders* (atores locais) como moradores, empresários e visitantes, há necessidade de melhor gestão do turismo de natureza e conciliação desenvolvimento social *versus* proteção ambiental, o que é afim aos princípios do geoturismo, como veremos mais à frente.

Para quase metade dos entrevistados era a primeira visita, e dos que já haviam visitado anteriormente, 24% já haviam visitado pelo menos uma vez, o que indica uma alta retornabilidade, comprovada pela intenção de retorno de 86%.

Dentre as trilhas utilizadas para se alcançar os atrativos, a maioria (34%) utilizou a da CF. Quanto às demais: Cânion das Bandeirinhas – CB (16%), Córrego de Pedras e Mirante do Bem (10% cada), e compostas, sendo que 22% utilizou duas trilhas e 8% três ou mais trilhas e conseqüentemente maior diversidade de atrativos.

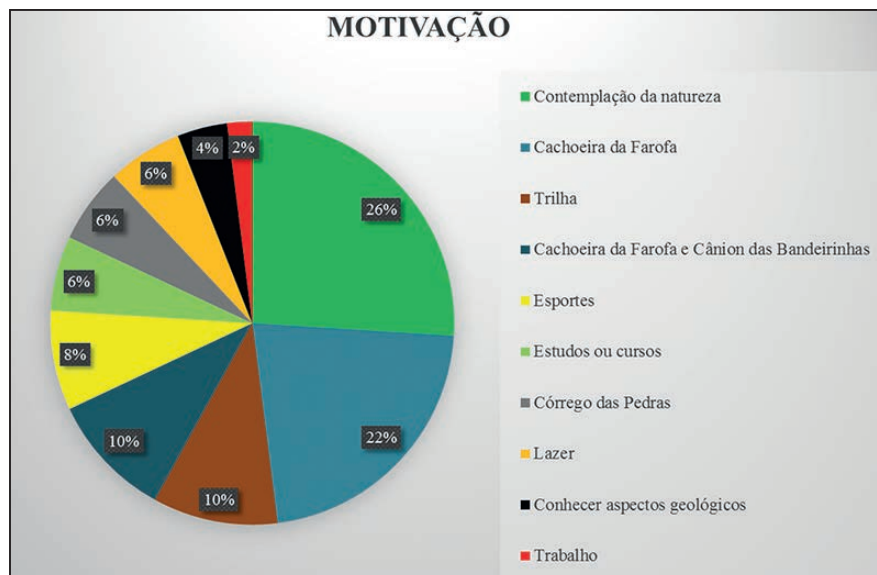


Figura 5 Gráfico de motivação da visita ao Parque Nacional da Serra do Cipó (MG).

Para 34 (68%) respondentes o acesso (trilhas) foi bem classificado (bom 46% e muito bom 22%), enquanto que para 4 (8%) negativamente. Doze (24%) disseram que nem bom nem ruim (regular). Já quanto à dificuldade do percurso 78% não avaliaram como fácil, sendo 17 respondentes (34%) como difícil, 16 (32%) como regular e 6 (12%) como muito difícil. Observando-se o Cardápio de Atrativos (ICMBio, 2017) do PNSC, pode-se correlacionar as respostas com o grau de dificuldade da maior parte das trilhas selecionadas e o condicionamento físico dos visitantes, haja vista que a trilha da CF é classificada como de longa distância (Figura 2B).

Investigação anterior a respeito do perfil dos visitantes de dois dos principais atrativos naturais do PNSC (Freitas & Vieira, 2005; Freitas *et al.*, 2005; Gualtieri-Pinto *et al.*, 2007; Freitas *et al.*, 2008) à CF e o CB, mostraram algumas características dos visitantes, entendidos pelos referidos autores como ecoturistas:

- elevado percentual de visitantes que procuravam o Parque pela primeira vez (48% na CF e 42,8% no CB);
- a maioria dos visitantes estavam visitando o PNSC pela primeira vez, sendo que pouco mais de 10% haviam visitado mais de 4 vezes no ano; eo agrupamento dos visitantes da CF era de grupos maiores – demonstrando menos interesse em conhecer as normas de utilização –, ao contrário dos visitantes do CB.

Segundo Gualtieri-Pinto *et al.* (2007) esse comportamento seria mais um indício de que os usuários da CF tendem a estar mais entretidos com o relacionamento intragrupal do que em contemplar a natureza, enquanto que em grupos menores ou duplas (visitantes do CB), os momentos de contemplação da natureza seriam favorecidos, proporcionando maior interação com ambiente silvestre. Ainda segundo Gualtieri-Pinto *et al.* (2007), grupos maiores não demonstrariam interesse em conhecer as normas de utilização das atrações e trilhas do PNSC, sugerindo uma inadequação de grupos com mais de cinco pessoas para visitas aos atrativos naturais locais.

Assim, foi possível estabelecer uma diferença qualitativa entre o número total de visitantes/dia e

os tipos de agrupamentos aos quais os visitantes (ecoturistas) estão ligados. Grupos menores tendem, portanto, a serem mais integrados com as normas de conduta pessoais, percebendo melhor as nuances e diferenças que envolvem o comportamento humano quando em ambiente urbano *versus* quando em ambiente silvestre, enquanto que grupos maiores tendem a repetir muitas condutas comportamentais do seu dia-a-dia urbano (Gualtieri-Pinto *et al.*, 2007; Freitas *et al.*, 2008). Como os referidos autores não contemplaram a variação turística “geoturismo”, considera-se que o comportamento de visitantes geoturistas não difere significativamente dos resultados encontrados nas publicações citadas, referentes aos considerados “ecoturistas”.

Outro fator interessante é a infraestrutura da trilha, que, para quase a totalidade dos visitantes entrevistados (98%) foi avaliada positivamente. No entanto, mais relacionada à localização, sinalização e conservação da trilha, e não às facilidades (sanitários, bancos, bebedouros e afins). Por falar em conservação, os impactos notados na trilha foram os relacionados ao manejo (40% das respostas), antrópicos como tráfego e queimadas (34%) e menos como pisoteio de vegetação (6%), solo exposto e erosão (4%) e na paisagem (2%). Para 7 entrevistados (14%) não notaram impactos. Veras *et al.* (2015) caracterizaram a paisagem de Mucajáí (RR) por meio do geoturismo, estimulando a conservação do patrimônio geológico-geomorfológico na forma de áreas protegidas com objetivos cênicos.

Freitas & Vieira (2005) apuraram no PNSC as seguintes respostas percentuais após entrevistarem 100 visitantes a respeito da degradação das trilhas de destino aos atrativos naturais CF e CB:

- trilhas mal mantidas e com erosão: 37,2% (CF) e 65,2% (CB);
- trilhas com muitos visitantes: 30,5% (CF) e 19,5% (CB);

- árvores quebradas e danificadas: 6,6% (CF) e 9,7% (CB);
- lixo ou resíduos deixados pelos visitantes: 10,1% (CF) e 7,3% (CB);
- dejetos (fezes de animais ou humanas) em locais inadequados: 11,8% (CF) e 19,5% (CB); e
- barulho provocado por visitantes: 3,3% (CF) e 7,3% (CB).

Compreende-se, a partir dos dados levantados por Freitas & Vieira (2005), diferenças significativas entre as respostas dos visitantes dos dois atrativos naturais citados (CF e CB). Tais diferenças, segundo os autores, estariam relacionada ao perfil sócio-econômico-cultural dos visitantes dos respectivos atrativos.

Quanto às características sócioeconômicas do visitante do PNSC, pode-se afirmar que: é de ambos sexos, com pequena maioria feminina (54%); solteiros (67%); jovens (74% de 18 a 35 anos de idade); com grau de instrução elevado (72% com Ensino Superior ou Pós-Graduação) (Figura 7A); cristãos (78%, sendo a predominância de católicos, com 46%); trabalham remuneradamente (62%) como principal ocupação a de professor (14%); dos 19 visitantes que não trabalham 15 (79%) são estudantes; e tem renda mensal média, com 38% com proventos de 2 a 4 Salários Mínimos⁶ (Figura 7B), configurando maioria (54%) da classe C (Tabela 1).

6 À época da pesquisa o Salário Mínimo era de R\$724,00.

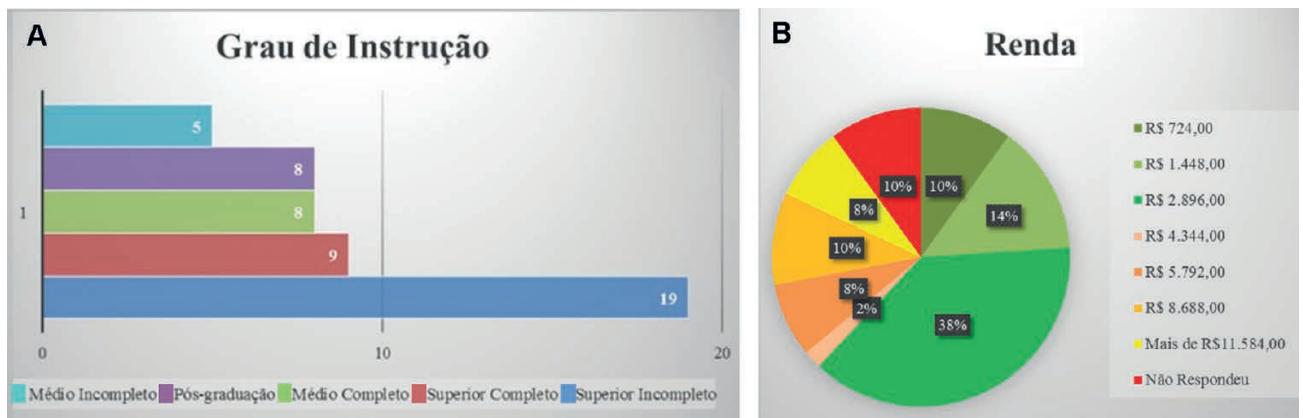


Figura 6 A. Gráfico de grau de instrução; B. Gráfico de renda dos visitantes do Parque Nacional da Serra do Cipó (MG).

Classe social que destoa, em parte, de dados do perfil do ecoturista e turista de aventura do Brasil (MTur, 2010b), cuja maioria é da classe B (56%), seguida pela classe A (30%). A escolaridade confirma, com Ensino Superior incompleto com 31% e Superior completo com 27%.

De acordo com Resende *et al.* (2014, p. 14) a relação economia e ecologia no PNSC é relevante pois “pessoas que não se interessem pela área ambiental não reconhecem tanto a importância de se conservar os ecossistemas naturais”. Para os autores, dos 514 visitantes entrevistados o perfil do “cipoeiro” é afim à média de idade, escolaridade, procedência e outros da presente pesquisa.

4 Os Geoturistas da Serra do Cipó?

A origem do geoturismo remonta ao desenvolvimento do conhecimento geológico e geomorfológico, em meados do Séc. XIX (McFarlane, 2005), sedimentando nos anos 1990. Hose (2000, p. 136) o redefine como a

“disponibilização de serviços e meios interpretativos que promovem o valor e os benefícios sociais de lugares com atrativos geológicos e geomorfológicos, assegurando sua conservação, para o uso de estudantes, turistas e outras pessoas com interesses recreativos e de ócio”

É considerado por segmento turístico recente e em crescimento (Nascimento *et al.*, 2007; Moreira,

Classe	Valor	Unidade	Relativo
A	Acima de R\$9.745,00	9	18,00%
B	De R\$7.475,00 a R\$9.745,00	3	6,00%
C	De R\$1.734,00 a R\$7.475,00	27	54,00%
D	De R\$1.085,00 a R\$1.734,00	6	12,00%
E	De R\$0,00 a R\$1.085,00	5	10,00%

Tabela 1 Faixa de renda familiar das classes de visitantes entrevistados no Parque Nacional da Serra do Cipó (MG).

2010; Ruban, 2015). No entanto a definição de segmento turístico para “a demanda de acordo com o perfil de turistas é definir a parcela de pessoas que compartilham as mesmas características, necessidades e expectativas” (MTur, 2010c, p. 13). A procura dessa parcela de pessoas por produtos turísticos⁷ dificilmente é de interesse comum, o que pode caracterizar um “nicho de mercado”⁸, ou “subsegmentos” (idem, p. 62). Haja vista que não se tem conhecimento da comercialização do geoturismo como produto/destino turístico – pelo menos no Brasil – por agências, guias de turismo ou mesmo UC (e.g. PNSC), o mesmo estaria mais para nicho.

Apesar do amadurecimento como segmento, a diversidade de conceitos e definições se ligam ao “princípio fundamental de suas atividades está na proteção sustentável e conservação do patrimônio geológico” (Moreira, 2010, p. 7), ou seja, a “parcela especial da Geodiversidade, materializada nos geossítios (afloramentos com características especiais), que merece proteção para as futuras gerações” (Mantesso Neto, 2008).

A geodiversidade por sua vez, é, para Gray (2004, p. 6) “a variedade ou diversidade da assembleia, sistemas e processos geológicos (embasamento rochoso), geomorfológicos (formas de relevo) e pedológicos”. A geodiversidade do Brasil é riquíssima e ainda pouco explorada (Nascimento *et al.*, 2008), sendo a Serra do Espinhaço um dos registros da separação da América da África e na porção meridional deste maciço, a Serra do Cipó, parte dos “alinhamentos serranos da fachada

7 “Conjunto de atrativos, equipamentos e serviços turísticos acrescidos de facilidades, localizados em um ou mais municípios, ofertado de forma organizada por um determinado preço” (MTur, 2006).

8 “O nicho é um grupo de consumidores caracterizado por ter necessidades ou expectativas específicas, diferente das necessidades do resto do segmento” (MTur, 2010c, p. 62).

atlântica” no “domínio dos mares-de-morros úmidos tropicais da mata atlântica” (Silva, 2008, p. 46, 48). A geodiversidade está também evidenciado por Stávale (2012), Rodrigues *et al.* (2015), Duarte & Sena (2016) e Brito (2017).

Neste sentido, as questões relacionadas ao geoturismo vem responder, em parte, os apontamentos teóricos deste nicho e outros conceitos, como de patrimônio geológico e geodiversidade. Labruna & Beringuier (2011) apontam novos modelos de paisagem na Serra do Cipó, como as paisagens geoturísticas. A exemplo, questionados a respeito da motivação geológica, 1 de cada quatro visitantes respondeu as cachoeiras, 12% montanhas/serras e 6% formações rochosas. Interessante observação é a resposta de dois visitantes quanto à flora/biodiversidade, demonstrando uma visão integrada dos recursos bióticos com os abióticos (intemperismo, substrato de vegetação, fertilidade etc.). Em 2014 pesquisa de demanda em MG teve as cachoeiras como 5º atrativo mais buscado, com 3,95% das respostas.

Quanto aos conhecimentos geológicos, 62% declararam não ter, 34% um pouco e 4% sim (estes estudantes da grande área de Ciências da Terra). Dos que pesquisaram informações geológicas do parque, 5 respondentes citaram a equipe (guarda-parques, brigadistas, recepção), internet e guias turísticos/folhetos/livros (4 cada). Logo, percebe-se o que Gorman (2007) aponta ao analisar a paisagem e o geoturismo na Irlanda: há um gargalo no *marketing* do produto geoturístico. O que também é confirmado por Taru & Chingombe (2016), cujos geoturistas entrevistados no Parque Nacional Golden Gate Highlands, na África do Sul demonstram que, para a geoconservação e potencial geoturismo da área, é preciso um plano de *marketing* que considere mercados diferentes para valores turísticos e científicos (Brilha, 2016). No entanto, tomando-se o cuidado de análise da infra-estrutura para geoconservação, conscientização e satisfação do visitante, conforme Newsome & Johnson (2012) sugerem em plano de desenvolvimento do geoturismo para os geossítios 7 Terras Coloridas e no *Black River National Park*, nas Ilhas Maurício.

Se esta(s) informação(ões) geológica(s) facilitam a compreensão da paisagem, 84% responderam que sim. E para estes, a maioria

(84%) consideram que a geologia é importante para a compreensão da paisagem. Neste sentido, todos entrevistados foram questionados a respeito do conceito de “patrimônio geológico”. Dentre as respostas (Figura 7A), há uma correlação interessante entre termos citados (na ordem: geologia, lei/proteção, natureza/meio ambiente/paisagem, patrimônio, educação/cultura, história e unidade de conservação) com o conceito de Brilha (2005):

“o conjunto de geossítios (ou locais de interesse geológico) inventariados e caracterizados de uma dada região, sendo os geossítios locais bem delimitados geograficamente, onde ocorrem um ou mais elementos da geodiversidade com singular valor do ponto de vista científico, pedagógico, cultural, turístico, ou outro”.

Daqueles, 12% não souberam responder o que é patrimônio geológico e 6% associaram a unidades de conservação. Continuando nesta linha, para um de cada quatro entrevistados a importância de se proteger o patrimônio geológico se deve “à relação geológica e a vida na Terra”, que, somando-se a respostas afins como “recursos para qualidade de vida” (4%), “relação geologia e economia” (2%) e “trabalhos de campo de geologia, geografia e agronomia” (2%), atinge 1 de cada 3 entrevistados. Destaque ainda para “natureza/meio ambiente” e “preservar/conservar”, com oito e cinco

respostas, respectivamente. Mas, qual parcela desta geodiversidade da Serra do Cipó merece proteção para geração futuras por serem geossítios especiais (Mantesso-Neto, 2008)? Pereira *et al.* (2015), ao selecionarem, dentre outros, litologia e pedologia para “ecorregiões para fortalecimento e conservação da biodiversidade” na Reserva da Biosfera Serra do Espinhaço (RBSE) e Oliveira (2016) nos dão pistas: onde há água! E logo, cachoeiras e montanhas, parte considerável dos atrativos buscados pelos visitantes entrevistados e noutros estudos da área (Serra do Cipó), ecoturistas e turistas de aventura.

Para 96% dos entrevistados a degradação do patrimônio geológico influi negativamente na atratividade da paisagem, sendo que para 36% destes se deve a aspectos mais gerais como as respostas “natural, antrópico, original (pristino, primitivo), artificial” e para 30% aspectos mais específicos como “poluição visual, depredação, quebra de galhos, pixação, vandalismo”. Dowling (2013, p. 64) observa que “o entendimento mais holístico do ambiente e suas partes componentes, fornecendo a residentes ou turistas uma maior conexão com o ambiente em que vivem ou estão visitando”. Este holismo também foi observado por Aquino *et al.* (2017) a geoturistas do Monte Pinatubo, nas Filipinas, já que para parte dos entrevistados eram experiências transformadoras, pessoais (espirituais), de interação sociocultural (povos indígenas) e ambientais (paisagem).

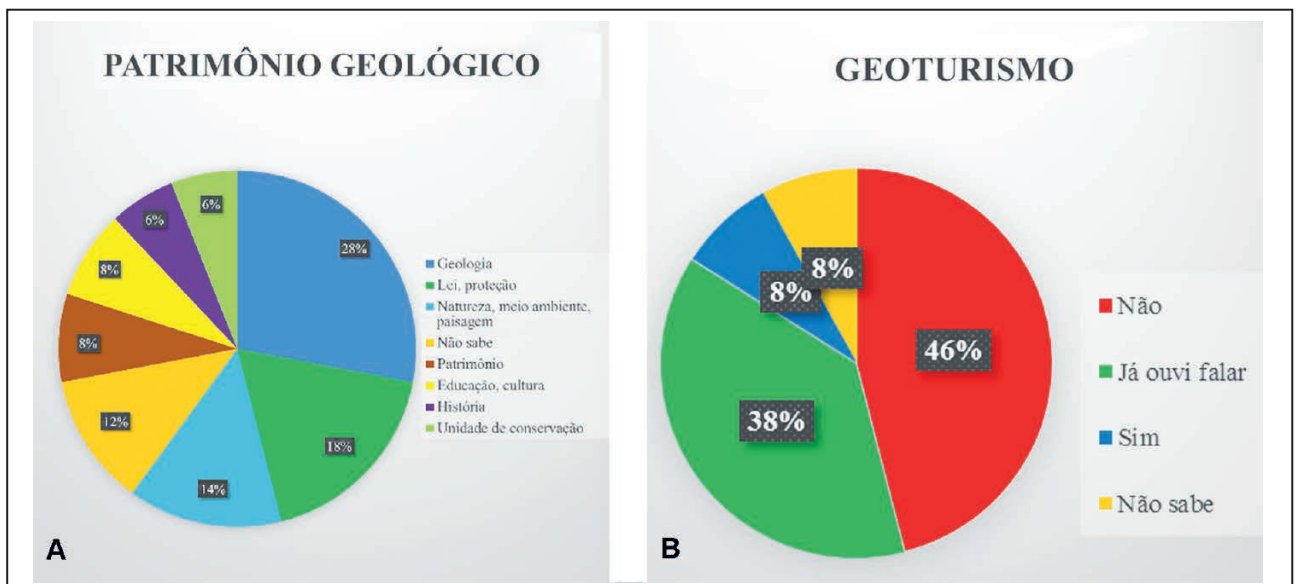


Figura 7 A. Gráfico de entendimento do conceito de Patrimônio Geológico; B. Gráfico de conhecimento do Geoturismo pelos visitantes do Parque Nacional da Serra do Cipó (MG).

Perguntados se têm interesse em conhecer mais o patrimônio geológico a grande maioria (98%) respondeu que sim, sendo a curiosidade quanto à: geomorfologia e geologia (58%), hidrografia (32%), “biologia” (4%) e espeleologia e pedologia (2% cada); e um entrevistado não soube responder. O que é ratificado por Mao *et al.* (2009) cujos entrevistados têm desejo de aumentar o conhecimento acerca de sítios geológicos e geomorfológicos.

Questionados se sabem o que é Geoturismo, mais da metade (46% não e 8% não sabe responder), 38% já ouviu falar, 8% que sim (Figura 7B). E se o parque pode ser conservado pelo Geoturismo, para os 27 entrevistados que responderam que sabem o que é ou já ouviram falar de Geoturismo (46% da amostra), 26 acreditam que sim, enquanto que um não.

Já o conceito de Geoparque, 2 de cada 3 visitantes entrevistados não sabem, enquanto que 30% já ouviu falar e 4% sabem. Dos 17 entrevistados que sabem ou já ouviram falar as definições são: “parque geológico” (6%), “preservação de cachoeiras e mirantes” (4%), “área com com atrativos geológicos interessantes” (4%). Dentre outras com uma resposta cada (2%): “Área de recuperação de mineração;

- Parque com estudos de geologia, geografia, geomorfologia;
- Área conservada para garantir recursos para cidade e campo;
- Preservação de cachoeiras, mirantes e semelhantes;
- A Terra;
- Área natural ou construída com ensino de geociências;
- Lugar com rochas e minerais valiosos;
- Unidade de conservação com turismo pedagógico voltado às geociências;
- Espaço sustentável com prioridade para a geologia; e
- Serra (geologia) do Cipó (Biologia)”

Percepção que tem boa aceitação com relação ao conceito de Geoparques Globais da Unesco:

“são áreas geográficas uniformes e unificadas onde locais e paisagens de importância ecológica internacional são gerenciados com um conceito holístico de proteção, educação e desenvolvimento sustentável. Sua abordagem ascendente de combinar a conservação com o desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo em que envolve as comunidades locais, está se tornando cada vez mais popular” (Unesco, 2015)

A Tabela 2 nos apresenta a correlação entre os conceitos de Patrimônio Geológico, Geoturismo e Geoparque, sendo aqueles bastante reconhecidos pelos visitantes enquanto que estes bem pouco. Em que se infere a necessidade de maior divulgação das ações Geoeducativas, para sensibilização (Theodossiou-Drandaki, 2000; Choay, 2001) quanto a um dos objetivos da gestão do patrimônio: a proteção - concomitante à outra, ou seja, a acessibilidade (Hall & McArthur, 1996), cujas respostas relacionadas às trilhas nos dão, em parte, um panorama razoavelmente bom, de um lado conservadas, mas por outros distantes e sem facilidades.

Os benefícios da visitação de um geoparque por sua vez são na maior parte das respostas (dos que sabem o que é ou já ouviram falar): preservação, educação, pesquisa científica e geração emprego/renda. Somente um entrevistado disse não beneficiar e outro não sabe. Quando perguntados a respeito da proposta de Geoparque mais próxima, do Quadrilátero Ferrífero, somente 6% acreditam que o PNSC possa se beneficiar com aquele geoparque, bem como um possível Geoparque do Espinhaço, embora já exista uma categoria de área protegida reconhecida pela Unesco: a RBSE (2017)⁹

⁹ A RBSE (MG e BA), com mais de 3 milhões de hectares e 53 municípios, foi reconhecida em 2005 por ser um importante divisor de águas do Brasil Central, ter espécies de fauna e flora endêmicas e ser uma das maiores formações de campos rupestres do Brasil. Há no mundo 669 RB em 120 países (Unesco, 2017).

	Patrimônio Geológico		Geoturismo		Geoparque		Média	
	Unidade	Relativo	Un.	Rel.	Un.	Rel.	Un.	Rel.
Sim	49	98,00%	4	8,51%	2	4,00%	18	37,41%
Não	1	2,00%	23	48,94%	33	66,00%	19	38,78%
Já ouvi falar	0	0,00%	20	42,55%	15	30,00%	12	23,81%
Total	50	100,00%	47	100,00%	50	100,00%	49	100,00%

Tabela 2 Comparação entre o conhecimento dos entrevistados dos conceitos de Patrimônio Geológico, Geoturismo e Geoparque.

Assim, pode-se classificar o visitante do PNSC, dos quais 35 dos 50 entrevistados eram de turistas, como um geoturista potenciais, sendo a maioria de “curiosos” e alguns “interessados”, sem conhecimento e certo conhecimento das características dos 3G¹⁰ respectivamente. Turistas estes caracterizados como “gerais” por Božic & Tomić (2015) em análise de geoturismo potencial em destinos naturais na Sérvia. Havendo ainda 2 visitantes se encaixam no 3º nível, “que fez a decisão consciente de visitar os atrativos abióticos” (Miller, 1991), que Božic & Tomić (2015) consideram “puros geoturistas”.

Assim, apesar de noutros estudos locais (Freitas *et al.*, 2005; Gualtieri-Pinto *et al.*, 2007; Freitas *et al.*, 2008; Setur, 2007; Campos *et al.*, 2011; Sebrae, 2012; Resende *et al.*, 2014) não se identificar o perfil do geoturista, percebe-se seu potencial, confirmado no presente trabalho, assim como nos Parques Estaduais do Rola-Moça (Fonseca Filho & Ribeiro, 2015) e do Itacolomi (Fonseca Filho & Moreira, no prelo).

5 Considerações Finais

O capitalismo tem turistificado os lugares e as UC, por terem limites definidos e gestão – pelo menos em teoria – são mais propícias ao uso público com esta finalidade. Para além do economicismo – e/ou sociologia – dos visitantes e comunidades em que se inserem, o olhar para a natureza é profícuo para aqueles.

Se na história da visitação em áreas naturais há um apelo para a visão idílica do paraíso, atualmente

os resquícios prístinos são justificativas senão para a preservação e conservação e a biodiversidade deixa de ser única e exclusivamente seus recursos naturais. A transposição da legislação de criação das UC que citam rochas, paisagens e solos p.ex., se dá por meio do geoturismo. De contemplação da natureza a entendimento dos fatores, processos e características geológicas, geomorfológicas e pedológicas há um *upgrade* no olhar do turista, para geoturista.

No entanto, para este nicho de mercado, é preciso conhecer, seja a oferta (atrativos, ora geossítios e patrimônio geológico) seja a demanda (visitantes, ora geoturistas e seus “níveis”). O PNSC, destino com sazonalidade de veraneio, em especial em seus feriados (e.g. Carnaval e Semana Santa) e fins de semana, tem rica bio- e geodiversidade, que contam, parte da história das paisagens pela sociedade mineira e brasileira.

Nota-se que o visitante “da Serra” – pelo menos o que frequenta o Parque – é ecoturista, turista de aventura, turista rural, turista “de sol e cachoeira”, em que o geoturismo se sobressai pelas motivações paisagísticas, de balneabilidade e trilhas e associada a necessidade de conhecer e aprender sobre o local. No entanto, da motivação “inconsciente” à compreensão do que vê, toca, pisa, enfim, sente, é um passo delicado que depende do interesse do visitante, da comunidade e dos gestores, assim como da conservação dos atributos abióticos, para sua fruição durante a visita.

Assim, os 34% de geoturistas acidentais têm potencial para serem geoturistas típicos, 4% constatados. E os excursionistas e moradores da área do parque também têm características afins, pois o pernoite não configura uma relação diretamente

¹⁰ 3G é uma abreviação que se refere à Geodiversidade, Patrimônio Geológico e Geoturismo.

proporcional a um maior ou menor comportamento geoturístico. Os “nativos” (autóctones) por sua vez têm uma relação diretamente proporcional com o geoturismo, pois sentem-se pertencente ao lugar – apesar da proibição de parte das atividades usuais das gerações atuais e de antepassados, como o acesso as cachoeiras, coletas de madeira e flores, caça, pesca entre outras não condizentes com o tipo de uso público, mas parte da cultura, logo podendo gerar conflitos, como incêndios criminosos, não hospitalidade e impactos culturais e ambientais negativos afins.

Outras pesquisas similares, realizadas em parques, com ênfase noutros segmentos turísticos, como o ecoturista, podem e devem ser comparadas e direcionadas para o geoturismo, pois não há biodiversidade sem geodiversidade. E aquela é crucial para esta, em especial os processos intempéricos, de bioturbação, antropocênicos e outros.

Nota-se que o turista da Serra do Cipó tem comportamento autêntico, que se dá na busca, em primazia, por cachoeiras, geossítios geomorfológicos. No entanto mais como contemplação que como interpretação e entendimento, logo um ecoturista por segmentação mas geoturista por nicho de mercado, ou seja, um geoturismo em amadurecimento.

A correlação, ainda, com outras categorias de áreas protegidas, sejam UC de uso sustentável (como APA e RPPN)¹¹ ou RB também podem e devem ser estimuladas, para que as pesquisas não sejam pontuais temporal e espacialmente. Espera-se, desta forma, que os resultados desta amostra possam contribuir tanto para o regulamento interno do parque (capacidade de carga, tipos de uso público etc.), quanto para o plano de manejo, servindo de modelo para outras UC federais, estaduais e municipais, bem como de gestão compartilhada.

O “Juquinha” da Serra do Cipó de outrora, hoje adquire uma percepção mais sensível do ambiente: as orquídeas e bromélias arrancadas das rochas, hoje dão lugar a pichações e lembranças de “pedras da serra”, mas também de fotografias, placas, guias turísticos, e publicações como esta, que pretendem trazer um conhecimento sustentável para

¹¹ Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN).

que o visitante numa área externa à sua casa, seja na verdade uma extensão de sua casa e reciprocamente, numa educação ambiental plena.

Referências

- ABETA, 2009. *Diagnóstico do turismo de aventura no Brasil*. Belo Horizonte, Ed. dos autores, ABETA/Ministério do Turismo, 156p.
- Allan, M. 2012. *Geotourism: toward a better understanding of motivations for a Geotourism experience, a self-determination theory perspective*. Saarbrücken, Germany, Lambert Academic Publishing, 304 p.
- Allan, M.; Dowling, R.K. & Sanders, D. 2015. The motivations for visiting geosites: the case of Crystal Cave, Western Australia. *Geojournal of Tourism an Geosites*, IX, 16(2): 141-152.
- Almeida Abreu, P.A. 1995. O Supergrupo Espinhaço da Serra do Espinhaço Meridional (Minas Gerais): o rifte, a bacia e o orógeno. *Geonomos*, 3 (1): 1-18.
- Andrade M. [1927] 1983. *O turista aprendiz*. São Paulo, Duas Cidades, 381 p.
- Aquino, R.S.; Schänzel, H.A. & Hyde, K.F. 2017. Unheart the geotourism experience: Geotourist perspectives at Mount Pinatubo, Phillipines. *Tourism Studies*, 1-22.
- Bezerra, F.R. 2009. *A imagem do turismo de natureza: um estudo exploratório*. Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdade de Ciências Empresarias, Fumec, Dissertação de Mestrado, 161 p.
- Borges, J.L.C. 2011. *Estudo da fragilidade e potencial de uso da paisagem e análise de capacidade de carga turística do Parque Nacional da Serra do Cipó - MG*. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Dissertação de Mestrado, 162 p.
- Božic, S. & Tomić, N. 2015. Canyons and gorges as potential geotourism destinations in Serbia: comparative analysis from two perspectives – general geotourists and pure geotourists. *Open Geosciences*, 7(1): 531-546.
- Brasil. 1990. *Lei n.º 8.078, de 11 de Setembro de 1990. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências*. Brasília, Governo Federal.
- _____. 2000. *Lei n.º 9.985, de 18 de Julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências*. Brasília, Governo Federal.
- Braga S.S., Gontijo B.M. & Vieira L.M.A. 2015. *A ação espacial do turismo: análise dos atrativos e equipamentos turísticos na Serra do Cipó (MG)*. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 7 (4): 681-693.
- Brilha, J.A.R. 2005. *Patrimônio geológico e geoconservação. A conservação da natureza na sua vertente geológica*. Braga, Portugal, Palmage, 183 p.
- _____. 2016. Inventory and quantitative assessment of geosites and geodiversity sites: a review. *Geoheritage*, 8: 119-134.
- Brito, A.L. 2017. A geodiversidade na unidade de conservação do Parque Nacional da Serra do Cipó (MG). *Revista*

- Espinhaço*, 4(2): 25-32.
- Campos R.F.; Vasconcelos F.C.W. & Félix L.A.G. 2011. A importância da caracterização dos visitantes nas ações de ecoturismo e educação ambiental do Parque Nacional da Serra do Cipó/MG. *Turismo em Análise*, 22 (2): 397-427.
- Castro, B.R.P. de. 2009. Perfil do turista de Aventura na Serra do Cipó: o valor estratégico do conhecimento de um público para um destino. Curso de Bacharelado em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Trabalho de Conclusão de Curso, 83 p.
- Choay, F. 2001. A alegoria do patrimônio. São Paulo, Estação Liberdade/Ed. da Unesp, 283 p.
- Dowling, R.K. 2013. Global geotourism – an emerging form of sustainable tourism. *Czech Journal of Tourism*, 2 (2): 59-79.
- Duarte, V.N. & Sena, N.C. 2016. Caracterização geológica e geoturística da região de Cardeal Mota, Serra do Cipó, MG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 48, Diamantina, 2016, Anais, Diamantina, UFJM, p. 38-39. Disponível em <http://sbg.sitepessoal.com/anais48cbg/st23/ID5635_110796_52_Duarte_Sena_CHARACTERIZACAO_GEOLOGICA_E_GEOTURISTICA_DA_REGIAO_DE_CARDEAL_MOTA_SERRA_DO_CIPO_MG.pdf>. Acesso em 31 jul. 2017.
- Eschwege W. L. von. [1833] 1979. *Pluto brasiliensis*. Belo Horizonte, Itatiaia, 528 p.
- Fonseca Filho, R.E. 2012. Qualidade do solo como geoindicador de alterações ambientais em trilhas de uso público. Programa de Pós-Graduação em Evolução Crustal e Recursos Naturais, Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Dissertação de Mestrado, 149 p.
- Fonseca Filho, R.E. & Ribeiro, G.S. 2015. Perfil do geoturista do Parque Estadual da Serra do Rola-Moça (MG). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 9(3): 471-496.
- Fonseca Filho, R.E. & Moreira, J.C. 2017. O perfil do geoturista do Parque Estadual do Itacolomi, Ouro Preto e Mariana (MG). *Revista Espacios*, 38(47): 1-19.
- Freitas, C.A.M. & Vieira, F.A. 2005. *Perfil dos visitantes da Cachoeira da Farofa e do Canyon das Bandeirinhas, Parque Nacional da Serra do Cipó*. Belo Horizonte, Centro Universitário de Belo Horizonte, Curso de Geografia e Análise Ambiental. CD-ROM, Monografia de Graduação.
- Freitas, C.A.M.; Vieira, F.A.; Magalhães, B.V.B.S. & Figueiredo, M. do A. 2005. Perfil do ecoturista de unidades de conservação ambiental: diagnóstico preliminar de visitantes da Cachoeira da Farofa e do Canyon das Bandeirinhas, Parque Nacional da Serra do Cipó, MG. In: ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA DE MINAS GERAIS, 5, Belo Horizonte, 2005, Anais, Belo Horizonte, UFMG-AGB/BH, p. 1-15.
- Freitas, C.A.M.; Gualtieri-Pinto, L.; Oliveira, F.F.; Almeida-Andrade, M. & Figueiredo, M. do A. 2008. Aspectos do perfil de usuários recreacionais de dois atrativos naturais do Parque Nacional da Serra do Cipó - Minas Gerais. In: SIMPÓSIO DE ÁREAS PROTEGIDAS, 4, Canela, 2008, Anais, Canela, ONG Mamíferos-RS/UERGS/UCS, p. 1-19.
- Giulietti, A.M.; Menezes, N.L.; Pirani, J.R.; Meguro, M. & Wanderley, M.G.L. 1987. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: caracterização e lista de espécies. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 9:152.
- Gontijo, B.M. 2003. *A ilusão do ecoturismo na Serra do Cipó / MG: o caso de Lapinha*. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Tese de Doutorado, 192 p.
- Gorman, C.E. 2007. *Landscape and Geotourism: market typologies and visitors needs*. European Tourism and the Environment Conference: Promotion and Protection, Achieving the Balance, p. 1-12
- Gray, M. 2004. *Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature*. New York, John Wiley & Sons, 434 p.
- Gualtieri-Pinto, L.; Freitas, C.A.M.; Oliveira, F.F. & Figueiredo, M.A. 2007. Ecoturismo em unidades de conservação: perfil dos visitantes de dois atrativos naturais do Parque Nacional da Serra do Cipó, MG. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE ECOTURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 2, CONGRESSO NACIONAL DE ECOTURISMO, 6, Itatiaia, 2007, Anais, Itatiaia, Instituto Physis, p. 1-23.
- Hall, C.M. & McArthur, S. 1996. The human dimension of heritage management. Different values. Different interests. Different issues. In: HALL, C.M. & MCARTHUR, S. (eds.). *Heritage management in Australia and New Zealand*. Oxford University Press, Melbourne, p. 2-21.
- Hose, T.A. 2000. “Geoturismo” europeo. Interpretación geológica y promoción de la conservación geológica para turistas. In: BARRETINO, D; WINBLEDON, W.A.P. & GALLEGOS, E (eds.). *Patrimonio geológico: conservación y gestión*. Madrid, Instituto Tecnológico Geominero de España, 212 p.
- ICMBio. 2009. *Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira e do Parque Nacional da Serra do Cipó*. Brasília, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 315 p.
- _____. 2017. Parque Nacional da Serra do Cipó. Disponível em <<http://www.ICMBio.gov.br/parnaserradocipo/>>. Acesso em 31 jul. 2017.
- IUCN. International Union for the Conservation Nature. 2017. Protected areas categories. Disponível em <http://www.iucn.org/about/work/programmes/gpap_home/gpap_quality/gpap_pacategories/>. Acesso em 31 jul. 2017.
- Labruna, M.B. & Beringuier, P. 2011. Valorização e reconhecimento de práticas ecoturísticas como vetores de apropriação das paisagens no Parque Nacional da Serra do Cipó (MG). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, 4 (4): 501.
- Liccardo A., Mantesso-Neto V. & Piekarz G.F. 2012. Geoturismo urbano: educação e cultura. *Anuário do Instituto de Geociências*, 31(1): 133-141.
- Madeira, J.A.; Ribeiro, K.T.; Oliveira, M.J.R.; Nascimento, J.S. & Paiva, C.L. 2008. Distribuição espacial do esforço de pesquisa biológica na Serra do Cipó, Minas Gerais: subsídios ao manejo das unidades de conservação da região. *Megadiversidade*, 4:15.
- Mantesso Neto, V. 2008. *Geodiversidade, Geoconservação, Geoturismo, Patrimônio Geológico, Geoparque: novos conceitos nas geociências do século XXI*. São Paulo, Conselho Estadual de Monumentos Geológicos.
- Mantesso-Neto, V.; Mansur, K.L.; Ruchkys, U. & Nascimento,

- M.A.L. 2012. O que há de geológico nos atrativos turísticos convencionais no Brasil. *Anuário do Instituto de Geociências*, 35(1): 49-57.
- Mao, I.; Robinson, A.M. & Dowling, R.K. 2009. Potential geotourists: an Australian case study. *Journal of Tourism Research*, 10(1): 71-80.
- Mcfarlane, R. 2005. Montanhas da Mente: história de um fascínio. Rio de Janeiro, Objetiva, 285 p.
- Miller, J.S. 1991. Increasing visitor education through a tired approach to interpretation. In: VISITOR STUDIES CONFERENCE, EUA, p. 144-151.
- Minas Gerais. 1978. Decreto n.º 19.278, de 3 de Julho de 1978. Cria o Parque Estadual da Serra do Cipó e dá outras providências. Belo Horizonte, Governo do Estado de Minas Gerais.
- _____. 1981. Decreto n.º 21.724 de 23 de Novembro de 1981. Aprova o regulamento dos Parques Estaduais. Belo Horizonte, Governo do Estado de Minas Gerais.
- _____. Pesquisa de Demanda Turística no Estado de Minas Gerais. 2014. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/huivgt6gownt3d2v/0%20-%20Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Consolidado.pdf?dl=0>. Acesso em 31 jul. 2017.
- MMA. 2017. *Tabela consolidada das Unidades de Conservação*. Disponível em <http://www.mma.gov.br/images/arquivo/80112/CNUC_FEV17%20-%20B_Cat.pdf>. Acesso em 31 jul. 2017.
- Moreira, J.C. 2010. Geoturismo: uma abordagem histórico conceitual. *Turismo e paisagens Cársticas, Campinas*, 3(1): 5-10.
- Moss, M.C.B. 2010. *Uma cidade entre o rio e as montanhas: investigação sobre a imagem da cidade de Cardeal Mota/Serra do Cipó – MG, a partir da percepção dos visitantes*. Curso de Bacharelado em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Trabalho de Conclusão de Curso, 95 p.
- MTur. 2006. *Segmentação do Turismo: marcos Conceituais*. Brasília, Ministério do Turismo, 56 p.
- _____. 2010a. Ecoturismo: orientações básicas. Brasília, Ministério do Turismo, 96 p.
- _____. 2010b. *Perfil do turista de aventura e do ecoturista do Brasil*. São Paulo, MTur/Abeta, 96 p.
- _____. 2010c. *Segmentação do turismo e o mercado*. Brasília, Ministério do Turismo, 170 p.
- Nascimento, M.A.L.; Ruchkys, U.A. & Mantesso-Neto, V. 2007. Geoturismo: um novo segmento do turismo no Brasil. *Global Tourism*, 3(2): 1-24.
- _____. 2008. *Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico*. São Paulo, SB-Geo, p. 1-84.
- Newsome, D. & Johnson, C.P. 2012. Potential Geotourism and the prospect of raising awareness about Geoheritage and environment on Mauritius. *Geoheritage*, 5(1): 1-9.
- Oliveira, C.K.R.. 2016. *Proposta de classificação de relevância de quedas d'água como subsídio à conservação*. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Dissertação de Mestrado, 130 p.
- Pereira, E.Ó.; Gontijo, B.M. & Abreu, L.G.A.C. 2015. As ecorregiões da reserva da biosfera da serra do espinhaço: elementos para o fortalecimento da conservação da biodiversidade. *Caderno de Geografia*, 25(43): 18-33.
- PNSC - Parque Nacional da Serra do Cipó. 2017. *Visitação do Parque. Períodos de 1998 a 2005 e 2013 a 2017*. Santana do Riacho, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.
- RBSE. 2017. *Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço*. Disponível em <<http://rbse-unesco.blogspot.com.br/>>. Acesso em 31 jul. 2017.
- Resende, F.M.; Fernandes, G.W.A.; Andrade, D.C. & Nede, H.D. 2014. Valoração econômica do Parque Nacional da Serra do Cipó (Minas Gerais): uma aplicação do método contingente. 19 p. Disponível em <econpapers.repec.org/scripts/redir.pf?u=http%3A%2F%2Fwww.anpec.org.br%2Fencontro%2F2013%2Ffiles_I%2Ffile11-0c01a2d6a961b597fb44654dc57d3c2b.pdf;h=repec:anp:en2013:203>. Acesso em 31 jul. 2017.
- Ribeiro R.R. & Pithan e Silva R.O. 2011. Monumentos geológicos e Turismo Rural em propriedades agrícolas. *Análise e Indicadores do Agronegócio*, 6(6): 1-5.
- Rocktaeschel B.M.M.M. 2006. *Terceirização em Áreas Protegidas - estímulo ao Ecoturismo no Brasil*. São Paulo, Senac São Paulo, 134p.
- Rodrigues, R.; Caxito, F.A.; Novo, T.A.; Uhlein, G.J.; Moy, S. & Magalhães, A. 2015. *Geologia e potencial geoturístico da travessia Lapinha da Serra-Tabuleiro, Serra do Cipó (Espinhaço Meridional), Minas Gerais*. p. 25. Disponível em <<http://csr.ufmg.br/geoespinhaco/caderno-resumos-SGE2015.pdf>>. Acesso em 31 jul. 2017.
- Romão, R.M.M. & Garcia, M. da G.M. 2017. Iniciativas de inventário e quantificação do patrimônio geológico no Brasil: panorama atual. *Anuário do Instituto de Geociências, UFRJ*, 40 (2): 250-265.
- Ruban, D.A. 2015. Geotourism: a geographical review of the literature. *Tourism Management Perspectives*, 15(1): 1-15.
- Ruchkys, U.; Mansur, K.L. & Bento L.C.M. 2017. A historical and statistical analysis of the Brazilian academic production, on Master's and PhD Level, on the following subjects: Geodiversity, Geological Heritage, Geotourism, Geoconservation and Geoparks. *Anuário do Instituto de Geociências, UFRJ*, 40 (1): 180-190.
- Rugendas J.M. [1835]. 1985. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo, Círculo do Livro. 271 p.
- Saadi, A. 1995. A geomorfologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais e suas margens. *Geonomos*, 3 (1): 41-63.
- Santos, W.F.S. & Carvalho, I.S. 2012. Percepção populacional dos efeitos socioeconômicos do geoturismo: o caso de São José do Itaboraí (Itaboraí, Estado do Rio de Janeiro). *Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ*, 35 (1): 242-251. não vi ao longo do texto.
- Sato, C.S. 2007. *Parque Nacional Serra do Cipó, MG: percepção ambiental e estabelecimento de áreas para educação*. Programa de Pós-Graduação em Botânica, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 171 p.
- Schaefer, C.E.R.; Michel, R.F.M.; Chagas, C.; Fernandes Filho, E.; Valente, E.; Souza, E.; Vasconcelos, B. & Saboya,

Percepção dos Visitantes do Parque Nacional da Serra do Cipó (MG) para o Geoturismo

Ricardo Eustáquio Fonseca Filho; Paulo de Tarso Amorim Castro; Angélica Fortes Drummond Chicarino Varajão & Múcio do Amaral Figueiredo

- A. 2008. *Relatório do levantamento pedológico, geomorfológico e geológico: diagnóstico do meio físico da APA do Morro da Pedreira e Serra do Cipó - Subsídios ao plano de manejo*. Viçosa, MG, Universidade Federal de Viçosa, 80 p.
- Sebrae. 2012. *Diagnóstico da demanda na Serra do Cipó*. Belo Horizonte, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 97 p.
- Setur. 2007. *Diagnóstico turismo de natureza. Destino Serra do Cipó, Estrada Real, Minas Gerais, Brasil*. Belo Horizonte, Eplerwood International, 142 p.
- Silva, C.R. (ed.) 2008. *Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro*. Rio de Janeiro, CPRM, 268 p.
- Silva, G.L.; Freitas, M.A. & Silveira, V.D. 2007. *Geologia da região centro-oeste do Parque Nacional da Serra do Cipó: municípios de Jaboticatubas e de Santana do Riacho, MG*. Curso de Bacharelado em Geologia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Trabalho de Graduação, 46 p.
- Stávale, Y.O. 2012. *Espacialização do patrimônio espeleológico da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço: geossítios selecionados e sua importância para a geoconservação*. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Dissertação de Mestrado, 229 p.
- Swarbrooke, J. 2000. *Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental*. São Paulo, Aleph, 140 p.
- Takahashi, L.Y. 2004. *Uso público em unidades de conservação*. Curitiba, Fundação O Boticário de Proteção da Natureza, 40 p.
- Taru, P.; Chingombe, W. 2016. Geoheritage and the potential of Geotourism in the Golden Gate Highlands National Park, South Africa. *African Journal of Hospitality, Tourism and Leisure*, 5(2): 1-10.
- Theodossiou-Drandaki, I. 2000. Sin educación no es posible la conservación. In: BARETTINO, D.; WIMBLEDON, W.A.P. & GALLEGU, E. (eds.). *Patrimonio geológico: conservación y gestión*. Instituto Tecnológico Geominero de España, Espanha, p. 119-135.
- Unesco. 2017. Biosphere Reserve Information. Espinhaço Range. Disponível em <<http://www.unesco.org/mabdb/br/brdir/directory/biores.asp?code=BRA+06&mode=all>>. Acesso em 31 jul. 2017.
- Veras, A.S.S.; Beserra Neta, L.C. & Soares Júnior, S.T. 2015. A paisagem no contexto geológico-geomorfológico e sua classificação para o geoturismo em Mucajaí-RR. *ACTA Geográfica*, 9(21): 131-147.